

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Fotomontagem sobre reprodução [Lrobhub](#), [Escola de Artes e Ciências da Universidade da Pensilvânia](#) e [GrumpyBeere/Pixabay](#)/Jornal da USP

## **Diálogos centro-periferia – Resenha de *As origens da Sociologia do Trabalho*: percursos cruzados entre Brasil e França, de Ricardo Festi**

**Daniel Costa (Unifesp)**

**Resumo:** *As origens da sociologia do trabalho*: Percursos cruzados entre Brasil e França, de Ricardo Festi, visa investigar a constituição da sociologia do trabalho no Brasil em diálogo com a França. Peca por marginalizar raça e gênero e por focar em figuras centrais, mas destaca-se pela originalidade metodológica e uso de fontes inéditas.

**Palavras-chave:** sociologia do trabalho; modernização industrial; redes intelectuais.

*As origens da sociologia do trabalho: percursos cruzados entre Brasil e França*, de Ricardo Festi foi lançada em 2023 pela Boitempo Editorial. O livro investiga os processos de constituição dessa disciplina no Brasil e suas relações com a produção intelectual francesa entre as décadas de 1950 e 1960. Por meio de uma abordagem histórico-sociológica, Festi demonstra como redes transnacionais de pesquisa, articuladas por organismos internacionais, permitiram a consolidação desse campo de estudos. Destacam-se, no decorrer de seu trabalho, três eixos analíticos: a formação da sociologia do trabalho na França pós-guerra, centrada em Georges Friedmann; sua recepção e adaptação no Brasil, protagonizada pela chamada "escola uspiana"; e as relações entre produção acadêmica e projetos de modernização capitalista.



Ricardo Festi é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). O texto que constitui o livro foi, originalmente, uma tese de doutorado orientada pelo professor Ricardo Antunes, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sobre a temática, cabe explicitar que a sociologia do trabalho se consolidou como campo autônomo no pós-Segunda Guerra Mundial, em um contexto de industrialização acelerada e reconfiguração das relações de classe. No Brasil, sua institucionalização esteve profundamente ligada a diálogos intelectuais com a França, especialmente por meio de pesquisadores vinculados à Universidade de São Paulo (USP). Através de um

variado número de fontes, Festi reconstitui esse processo, evidenciando como as trocas acadêmicas entre os dois países foram fundamentais para a formação de uma tradição crítica no estudo do trabalho e da industrialização.

O autor combina trabalho de historiador, de sociólogo do conhecimento para revelar como redes transnacionais – mediadas por organismos como a Unesco e fundações como Ford e Rockefeller – facilitaram a circulação de ideias entre a França do pós-guerra e o Brasil no auge do seu processo nacional desenvolvimentista. Sua obra não apenas mapeia trajetórias individuais (como as de Georges Friedmann, Alain Touraine e Florestan Fernandes), mas também expõe as disputas institucionais que definiram os rumos da disciplina em ambos os continentes.

O livro está estruturado em três eixos que traçam a gênese e o desenvolvimento da sociologia do trabalho no contexto franco-brasileiro. A primeira parte estabelece o pano de fundo histórico do pós-guerra, examinando tanto as ilusões do projeto modernizador – incluindo a difusão do americanismo, o milagre econômico francês e o desenvolvimentismo brasileiro – quanto a formação de uma comunidade internacional de ciências sociais por meio de organismos como a Unesco e fundações filantrópicas, que mais tarde passariam a ser identificadas como *think tanks*. Destaca ainda como o estabelecimento de redes intelectuais transnacionais possibilitaram a circulação de ideias e modelos acadêmicos entre centro e periferia.

As partes seguintes aprofundam-se na institucionalização da disciplina em cada contexto nacional. A segunda seção analisa a consolidação da sociologia do trabalho na França, explorando desde suas bases institucionais – como o *Laboratoire de Sociologie Industrielle* – até as contribuições teóricas de figuras como Georges Friedmann e Alain Touraine, este último com suas reflexões sobre ação social e pós-industrialismo. Por fim, a terceira parte investiga a recepção e adaptação dessas ideias no Brasil, com foco no papel da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit), destacando como

os sociólogos brasileiros reinterpretaram conceitos europeus à luz das especificidades do capitalismo dependente e da conjuntura local, enfrentando os desafios políticos do período.

Festi destaca como a França do pós-guerra emergiu enquanto laboratório para a Sociologia do Trabalho, graças à atuação de Georges Friedmann. Líder na reorganização das ciências sociais após a ocupação nazista, Friedmann defendia uma abordagem empírica e aplicada, distanciando-se do academicismo tradicional. Friedmann foi fundamental na criação de instituições-chave, como o *Laboratoire de Sociologie Industrielle* (LSI) e a revista *Sociologie du Travail*, espaços que consolidaram a disciplina. Sua crítica à alienação laboral, inspirada em Marx e na Escola de Frankfurt, enfatizava a fragmentação do trabalho industrial e sua desumanização. Além disso, promoveu intercâmbios internacionais, incluindo colaborações com o Brasil, que permitiram a circulação de ideias além da Europa.

Segundo o autor, Alain Touraine, discípulo de Friedmann, trouxe novas perspectivas ao campo, especialmente com sua teoria da ação social. Sua passagem pelo Brasil, financiada pela Unesco (1956-1958), foi decisiva para a sociologia uspiana, influenciando pesquisas sobre industrialização e movimentos sociais. Touraine desenvolveu conceitos como "consciência operária" e "sociedade pós-industrial" (FESTI, 2023, p.176), que dialogavam com as especificidades do capitalismo periférico brasileiro.

Ainda de acordo com Festi, a então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFCL-USP) tornou-se, nos anos 1950, o principal núcleo de sociologia no Brasil. Florestan Fernandes foi figura central na institucionalização da sociologia do trabalho na USP. Sua abordagem combinava marxismo heterodoxo – com ênfase na formação de classes no capitalismo periférico – e pesquisa empírica sobre operários e sindicalismo. Em 1962, a criação do Cesit marcou a consolidação da disciplina, com pesquisas sobre relações capital-trabalho, sindicalismo e industrialização dependente.

No entanto, a ditadura civil e militar instaurada em 1964 interromperia parte dessas pesquisas, levando muitos sociólogos ao exílio (FESTI, 2023, p.268). Festi revela, por meio de documentos inéditos, como o Cesit enfrentou dilemas como precariedade financeira e perseguição política, evidenciando a fragilidade das instituições acadêmicas em contextos autoritários. Festi demonstra ainda como a sociologia uspiana adaptou teorias francesas para analisar contradições locais. Por exemplo, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (1969) desenvolveram a "teoria da dependência", criticando a noção linear de progresso e destacando assimetrias do capitalismo periférico. Azis Simão investigou a formação da classe operária brasileira, enquanto Juarez Brandão Lopes analisou o sindicalismo em contextos autoritários.

Apesar do rigor, a análise de Festi peca por relegar a segundo plano questões como gênero e raça, dimensões que, embora marginalizadas nos anos 1950-1960, tornaram-se centrais para a sociologia do trabalho nas décadas seguintes – fato reconhecido pelo próprio autor. Outro equívoco reside no foco excessivo em figuras proeminentes (como Friedmann e Fernandes), obscurecendo o papel de atores menos visíveis – assistentes de pesquisa, técnicos e mulheres – que também participaram da construção da disciplina. Por fim, embora a obra aponte os efeitos da ditadura civil militar sobre o Cesit, uma análise mais profunda do autoritarismo como fator de ruptura epistemológica enriqueceria a compreensão das descontinuidades na tradição sociológica brasileira.

O livro, contudo, destaca-se por sua abordagem ontológica inovadora, articulando a produção intelectual às condições materiais que a engendraram e revelando como as teorias sociológicas foram moldadas pelos contextos históricos e políticos do pós-guerra. Além disso, o autor rompe com narrativas tradicionais ao valer-se de arquivos institucionais

inéditos – como correspondências e relatórios de pesquisa —, desvendando os bastidores das redes acadêmicas franco-brasileiras. Essa perspectiva desmonta a visão estereotipada de um Brasil meramente receptor de teorias europeias, evidenciando a mutualidade dessas trocas, em que ideias foram reinterpretadas diante das contradições da modernização periférica.

A obra de Festi é leitura obrigatória para pesquisadores interessados na história das ciências sociais e nos estudos do trabalho. Cumpre, assim, o seu objetivo de apresentar ao leitor as origens da sociologia do trabalho no país à luz de uma rede intelectual que atravessou o Atlântico. Seu maior mérito é demonstrar que a Sociologia brasileira não surgiu de forma isolada, mas como parte de um diálogo global, marcado pelas contradições do capitalismo. *As origens da sociologia do trabalho: percursos cruzados entre Brasil e França* consolida-se como referência para repensar a disciplina não como conjunto de teorias abstratas, mas como campo em constante diálogo também com a História.

---

## Referências

FESTI, Ricardo. *As origens da sociologia do trabalho*. Percursos cruzados entre Brasil e França. São Paulo: Boitempo, 2023.

---

## Sumário de *As origens da sociologia do trabalho: percursos cruzados entre Brasil e França*

Introdução Geral

I. As Ciências Sociais na “era de ouro” do capitalismo

Introdução

1. As ilusões da modernização
2. Uma comunidade internacional de ciências sociais

II. A Sociologia do trabalho na França

Introdução

3. A sociologia do trabalho francesa do pós-guerra
4. As mudanças técnicas e organizacionais e seus impactos sobre o trabalho industrial
5. Rumo à automação? Fascínios e críticas ao taylorismo-fordismo
6. Um desejo de História: a Sociologia do Trabalho de Alain Touraine

III. A sociologia uspiana do trabalho (1950-1960)

7. Uma história revisitada: a constituição da sociologia uspiana
8. A consolidação de uma tradição: a sociologia uspiana do trabalho
9. Uma análise crítica da sociologia uspiana do trabalho

Considerações finais

Fontes e Bibliografia

---

## Resenhista



Daniel Costa é mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Entre outros trabalhos, publicou: “[Corrupção, corruptores e contrabando](#): uma discussão historiográfica sobre práticas ilícitas na América Portuguesa (C. Século XVIII) (2022)” e “[Caminhando entre veredas](#): Apontamentos sobre o contrabando e corrupção na América portuguesa (Pernambuco 1758-1778) (2023)”. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9383874655339999> ; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7786-2678>; E-mail: [d.silva16@unifesp.br](mailto:d.silva16@unifesp.br).

---

## Para citar esta resenha

FESTI, Ricardo. *As origens da sociologia do trabalho*: percursos cruzados entre Brasil e França. São Paulo: Boitempo, 2023. 352 p. Resenha de: COSTA, Daniel. Diálogos centro-periferia. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 39-43, set./out., 2025.

---

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).